PROC. Nº 1148/12
PLL Nº 084/12

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Autêntico, apegado à terra natal e a tudo o que ela lhe representava e lembrava, Plínio Anele era um calabrês dos bons. Firme nas convicções e nas atitudes, simples no proceder e cauteloso no falar. De afetos amplos e abertos, que um coração generoso traduzia em manifestações diretas e sem reservas. Assim como nasceu, cresceu e viveu como um calabrês, mesmo e especialmente nos muitos anos passados, desde que deixou a terra natal.

Sua história tem raízes profundas na própria história da imigração italiana, motivada pelas extraordinárias circunstâncias vividas pela Europa durante o século XIX e início do século XX.

Naquele período, entre os anos 1815 e 1914, a população europeia, que se mantivera em baixos níveis de crescimento demográfico durante séculos, foi alterada de modo muito significativo, passando de 180 para 450 milhões de habitantes. Como consequência dessa verdadeira explosão demográfica, multiplicaram-se os problemas de toda ordem, entre os quais se destacavam doenças endêmicas, fome, guerras e desemprego.

Foi a partir da necessidade de escapar dessa conjuntura sócio-política e econômica que cerca de quarenta milhões de pessoas deixaram seus lares, optando pela vida em outros continentes, tendo a maior parte, cerca de 85%, rumado para as Américas.

No Brasil, o Rio Grande do Sul foi um dos alvos da entrada massiva de italianos, desejosos de uma vida melhor, em um mundo melhor. Assim, a partir de 1900, especialmente a partir da década de 1930, a presença calabresa no Rio Grande do Sul, particularmente em Porto Alegre, foi acentuada.

Eram comerciantes, artistas, agricultores, artesãos, soldados, todos, a seu modo, participando de uma história que começava a ser escrita com páginas de sofrimento, trabalho, fé, sonhos e, também, de aventura, sempre com a esperança de “fare la merica”. Trouxeram consigo apenas alguns pertences e pouco dinheiro, mas muita vontade de lutar e vencer. E, mais do que isso, trouxeram a cultura de sua pátria, a Itália, bem como a cultura de suas regiões, províncias e comunas.

Porto Alegre revelou-se um caso especial de acolhida dos imigrantes italianos, surgindo, em seus arredores, a colônia da Vila Nova, com agricultores do norte da Itália, enquanto que, na zona urbana, foi marcante a presença do grupo de Morano Calabro, província de Cosenza. Mas essa boa acolhida, a distância da Calábria e o passar dos tempos em nada diminuíram neles a vontade de permanecerem calabreses.

Filho de Assunta Vanni e Giuseppe Anele, Plínio Anele nasceu em 10 de março de 1928, em Morano Calabro. Na infância, viveu o terror da II Guerra Mundial e as dificuldades de toda uma geração marcada pelo totalitarismo. Cresceu praticamente sem a presença do pai, que já antes imigrara, sendo então educado pela mãe e pelo avô, de quem herdou a dedicação a São Roque.

A convite do pai, em 1948, veio para o Brasil, com o sonho de fazer a América. Vindo de uma Itália destruída, durante a II Guerra Mundial, em que o futuro se mostrava sombrio e escassas eram as oportunidades de progresso. Aqui chegou com 20 anos, em São Paulo.

De acordo com os costumes e a orientação recebida, acreditava que deveria vestir chapéu ao chegar, sob pena de ser considerado um vagabundo qualquer. Então, comprou o chapéu e saiu à luta.

Enfrentou, desde logo, enormes dificuldades de adequação à nova terra, pois tinha pouca instrução, só cursara até o terceiro ano primário. Além disso, não falava o idioma local e não dispunha de recursos próprios para sobreviver, uma vez que o pai, que lhe emprestara o dinheiro necessário para a viagem, foi incisivo e duro em lhe cobrar o devido, seguindo a ideia tradicional de que o dinheiro deve ser ganho com trabalho e não de outra forma.

De início, foi vender bilhetes de loteria, todo envergonhado. Logo venceu a timidez e, com o êxito obtido, foi trabalhar por conta própria. Comprou, então, mesmo sem conhecer o ofício, o açougue de outro "paesano", com quem aprendeu as artes e adquiriu as habilidades necessárias à nova atividade. Persistente e dedicado, logo se tornou um dos mais conhecidos e bem sucedidos profissionais daquela região da cidade.

Contudo, o coração ficara longe, lá na velha pátria, com a esposa, com quem se correspondia regularmente, por carta. E essa é outra história interessante. Plínio casara-se à distância, na Igreja de San Nicola, na região da Calábria, com Carmela Grace. Para isso, havia dado uma procuração ao cunhado. O casamento foi uma exigência do pai, que não lhe teria dado permissão para vir para o Brasil caso não assumisse tal compromisso.

Em 1953, mandou buscar a esposa e um irmão, cuja viagem patrocinou, e confirmou matrimônio na Igreja Nossa Senhora da Saúde, em Teresópolis. Extremamente apegado à família, cuja instituição era, para ele, um dos mais vigorosos valores cristãos, aos poucos auxiliou a vir para o Brasil mais seis irmãos da esposa e três irmãos seus.

Exitoso nos negócios, que administrava com inteligência e temperança, prosperou, trabalhando árdua e equilibradamente, todas as horas do dia.

Não admitia ficar devendo dinheiro a quem quer que fosse, o que lhe dava prestígio e segurança financeira. Foi assim que encaminhou a própria vida e auxiliou os cunhados e os irmãos.

De resto, seguiu o caminho do pessoal de Morano: com a venda de bilhetes, o negócio de açougue, as casas Aurora, Santa Cruz e São Roque, os imóveis e, ao lado dos filhos, em 1989, a fundação da Morano Imobiliária.

PROC. Nº 1148/12
PLL Nº 084/12

Religioso, Plínio Anele era o que se poderia classificar de um católico total. Devoto de São Roque e de Santa Rita de Cássia, costumava assistir à missa na Igreja Santa Teresinha, na Avenida José Bonifácio.

Teve dois filhos: José e Assunta Rosária. Na lembrança dos netos, sobressai o avô amoroso e amigo.

Como se disse inicialmente, era um calabrês autêntico e definitivo, mas sentia-se, de fato, um brasileiro.

Pode-se condensar sua história em apenas três palavras: trabalho, oração e família.

Faleceu em 11 de novembro de 2010, de insuficiência cardíaca.

Pelo exemplo de vida que Plínio Anele deu, digno de ser seguido pelos demais jovens, entendo que um logradouro de Porto Alegre deva ser denominado com seu honrado e saudoso nome, para o que conto com a anuência de meus pares nesta Casa.

Sala das Sessões, 4 de maio de 2012.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROC. Nº 1148/12
PLL Nº 084/12

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Plínio Anele o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7057 – Loteamento Hípica Boulevard.

Art. 1º Fica denominado Rua Plínio Anele o logradouro público cadastrado conhecido como Rua 7057 – Loteamento Hípica Boulevard –, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Imigrante calabrês católico, dedicado ao trabalho, à oração e à família.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

/CRK